

TRABALHANDO O PRECONCEITO E A ACESSIBILIDADE A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Brunno Henrique Irina dos SANTOS;

Bruno D'Amato QUATRUCCI;

Ieda Mayumi KAWASHITA;

Luiz Claudio Arruda Botelho GUIMARÃES;

Pedro Henrique de Paula dos SANTOS;

Thiago Neves Oliveira LASMAR;

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência que ocorreu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Muzambinho, com a proposta de que os alunos do instituto tenha uma vivência de acessibilidade direcionada aos deficientes visuais com algumas atividades corriqueiras e também atividades no meio esportivo. Verificou-se se a instituição estava parcialmente preparada para suprir as necessidades de um indivíduo com essa deficiência.

Palavras-chave: Inclusão; Acessibilidade; Deficiência Visual.

1. INTRODUÇÃO

Um dos problemas mais recorrentes e geradores de grande debate é o preconceito. Ele pode ser definido como uma forma imprudente e grosseira de julgamento, feito sem um conhecimento prévio ou embasamento acerca de alguém ou um grupo. De acordo com Jahoda e Ackerman (1969), o preconceito é caracterizado por “uma atitude de hostilidade nas relações interpessoais, dirigida contra um grupo inteiro ou contra os indivíduos pertencentes a ele, e que preenche uma função irracional definida dentro da personalidade” (p. 27).

Existem diversas formas de preconceito, tal como cita Machado (2010, p.01), “Diversos são os tipos de preconceito: de gênero, de raça, de cor, contra o homossexual, linguístico, de classe, religioso, etc”. Além desses, podemos citar também o preconceito contra as pessoas com deficiência, seja ela física, auditiva, visual ou intelectual.

Neste contexto concordamos com Nunes e Lomônaco (2010, p. 59), quando relata que “as pessoas cegas, frequentemente, são tidas como especiais, como portadoras de características profundamente diferenciadas das outras pessoas, tanto na literatura como na mídia em geral. Esse preconceito impede que se perceba o cego como um ser humano”.

Com ênfase na deficiência visual e baseada no censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE, 45.015 pessoas são completamente cegas somente no estado de Minas Gerais.

Considerando esse fato, é necessário trabalhar a questão do preconceito e acessibilidade para que as pessoas com deficiência visual possam ter acesso as escolas, lugares públicos e ambientes de trabalho, esporte e lazer. Neste sentido este trabalho se justifica, pois relata a experiência de como podemos abordar este tema nas escolas. Pressupomos que futuros docentes devam ser conscientizados sobre as dificuldades encontradas pelas pessoas com deficiência visual e os preconceitos que elas enfrentam na sociedade.

3. MATERIAL E MÉTODOS

As atividades escolhidas foram de simulação da DV, que segundo a Cartilha Viva Escola Viva (2005) favorece a ampliação perceptual do que é conviver com características e consequências de deficiências. Foram escolhidas duas atividades visando relatar as experiências onde foi realizada com 20 alunos do quinto período vespertino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Muzambinho, tendo participantes de ambos os sexos. A primeira atividade os alunos tinham que caminhar vendado com auxílio de um guia onde percorreram a faculdade, saindo da sala onde teve uma conversa inicial e indo em direção a quadra onde iria ocorrer a próxima atividade que foi o futebol em duplas, que um membro da dupla estava vendado auxiliando em um jogo de futebol de 5.

Para o futebol foram utilizadas vendas para que os alunos fossem privados da visão, 10 coletes, sendo eles 5 verdes e 5 amarelos para a divisão dos times e para os guias reconhecem facilmente os membros de sua equipe e uma bola de futsal.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A intervenção iniciou em sala de aula, com uma explanação de como seria realizada, onde todos os alunos compreenderam as atividades.

Na primeira parte, os alunos, vendados, deslocaram-se com a ajuda de um guia (outro aluno) da sala de aula para quadra externa. Observamos de início, que os alunos se sentiram amedrontados e todos se deslocavam lentamente, demonstrando que a dificuldade de locomoção é muito grande, mesmo com o guia, onde alguns alunos falaram que era muito difícil se locomover pois o guia estava instruindo as pessoas vendadas como fosse uma pessoa videntes, usando palavras para mostrar uma direção como “aqui”, “ali”, “vem aqui” dentre outras.

A segunda parte da intervenção foi feita pela prática do futebol de 5. A sala foi dividida em dois times, com 5 alunos vendados e 5 guias nas duas equipes. Nota-se que mesmo com a presença do guia, eles se sentiram desconfortáveis e a coordenação motora sem a visão foi visivelmente afetada. Por parte dos guias notou-se que a lateralidade era um pouco ruim, e isto foi um fator que dificultava o ato de guiar.

Por fim, foi proposto um debate acerca de toda a intervenção. Em geral, eles alegaram que sem a visão, a questão de percepção e localização espacial fica defasada. Alegaram também que a instituição “não está em condições de suportar este tipo de deficiência.” e que as pessoas com deficiência visual ficam parcialmente incluídas, pois não têm a autonomia de se locomoverem sozinhas, ficando dependentes de outras pessoas. Os relatos vão de encontro com Nunes e Lomônaco (2010, p. 6) que afirma, “A estigmatização do deficiente visual prejudica sua personalidade e autoestima. Por isso, é preciso um ambiente educacional o mais adequado possível para o desenvolvimento integral do cego”, E pela fala dos alunos isso não está ocorrendo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Muzambinho.

5. CONCLUSÕES

Através da realização deste trabalho, conclui-se que os alunos tiveram noção acerca das dificuldades sofridas diariamente por deficientes visuais e em algumas falas dos alunos disseram que ainda há muito que mudar a respeito de condições ideais para os deficientes visuais, tanto dentro do instituto, quanto fora dele. Por essa vivência os alunos conseguiram sentir um pouco da dificuldade que os deficientes visuais sofrem com falta de acessibilidade que é uma forma de preconceito. Tivemos algumas surpresas em alguns aspectos nas atividades, como a dificuldade dos alunos tratarem as questões de lateralidade, pois quando a visão não é afetada ela acaba sendo algo mais simples de demonstrar para outra pessoa. Tendo

em vista que as pessoas com deficiência já são discriminadas pela sociedade, a falta de acessibilidade só dificulta esse aspecto, com arquiteturas inadequadas para esse público, mas podemos transformar esse cenário onde os deficientes possam ser realmente incluídos na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL MEC- Projeto Escola Viva : garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola : necessidades educacionais especiais dos alunos , Aranha Maria Salete Fábio- Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

Censo demográfico IBGE 2010 : Minas Gerais – Pessoas com deficiência visual:
http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=mg&tema=censodemog2010_defic

Antunes, D. C., & Zuin, A. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Revista Psicologia & Sociedade*, 20(1). Disponível em

Crochik, J. L. (2006). *Preconceito, indivíduo e cultura*. Casa do Psicólogo. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v4n3/v4n3a04.pdf>

Goffman, E. (1988). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Disponível em http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/308878/mod_resource/content/1/Goffman%20%20Estigma.pdf

Machado, C. D. P. (2010). A designação da palavra preconceito em dicionários atuais. *Sínteses*, 13. Disponível em <http://www.iel.unicamp.br/ojs-234/index.php/sinteses/article/view/831/590>

Mantoan, M. T. E. (2008). Ensinando a turma toda: as diferenças na escola. *São Paulo*. Disponível em http://www.afadportoalegre.org.br/arquivos/tx_ensinando_turma_toda.pdf

Moreira, A. F. B., & Candau, V. M. (2006). Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11>

Nunes, S., Lomônaco, J. F. B., O aluno cego: preconceitos e potencialidades, Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 55-64. disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a06.pdf>. Acesso em 12/06/2016.

O aluno cego: preconceitos e potencialidades, Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 55-64.